Título original: Gênio de Rua – Um Filme de Letras! – Livro 1
Copyright© 2013 por Elton da Fontoura

Este livro é uma obra de ficção (estória), com argumentos históricos. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, acontecimentos e incidentes são todos produtos da imaginação do autor ou usados de modo ficcional.
Certidão de Registro ou Averbação na Funcação Biblioteca Nacional
sob nº 609.481 Livro 1.168 Folha 237.
Capa: Imagens do Google sobrepostas. Composição de Elton da Fontoura.

Gênio de Rua, ainda não foi publicado.

Elton da Fontoura

# Gênio de Rua

## Um Filme de Letras

## LIVRO 1



Escrito entre
2012 / 2014

## *Agradecimentos:*

***Aos meus pais,*** *maiores responsáveis pela evolução do meu espírito, nesta e em vidas pregressas.*

***À Espiritualidade,*** *que certamente psicografaram muitos parágrafos desta estória.*

***À Luiza Martins,*** *por ter me transportado virtualmente para o sul de Minas Gerais, atuando como "repórter de campo", colhendo informações e imagens do cenário mineiro.*
***Pouso Alegre – MG***

***José Carlos da Cunha Sardá,*** *por seus valiosos esclarecimentos sobre o Farol Sarita e o solitário litoral sul Gaúcho.*
***Praia do Cassino – RS***

***Sebastião Paulo,*** *por seus pontuais conhecimentos sobre o crime do Nióbio.*
***Rio de Janeiro – RJ***

# *Apresentação Ambiental*

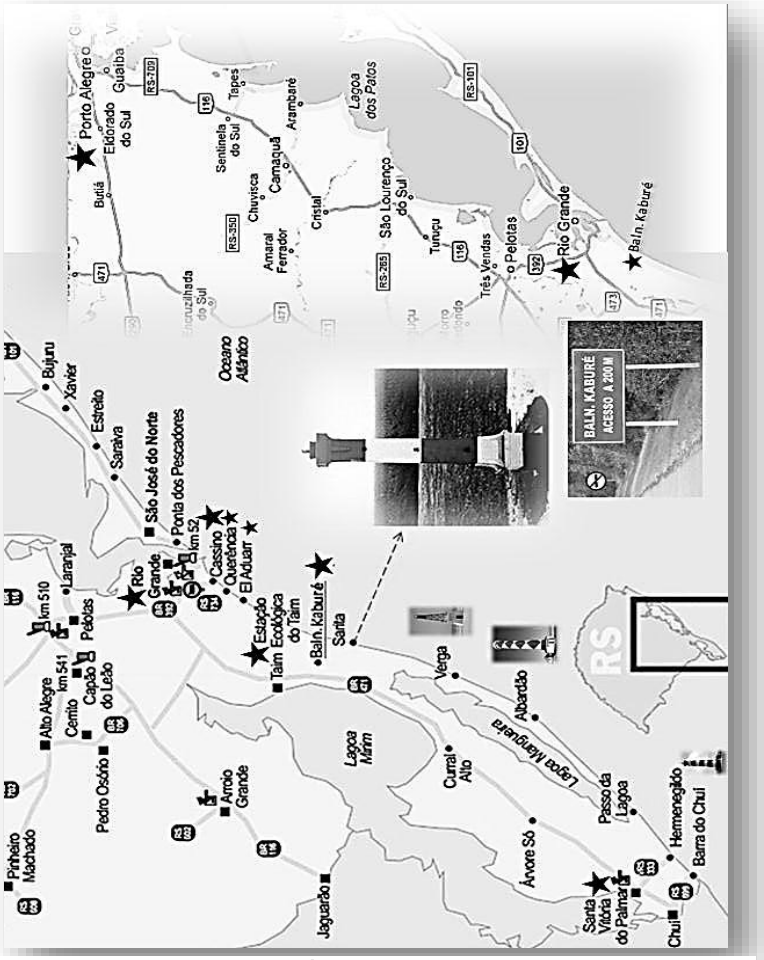
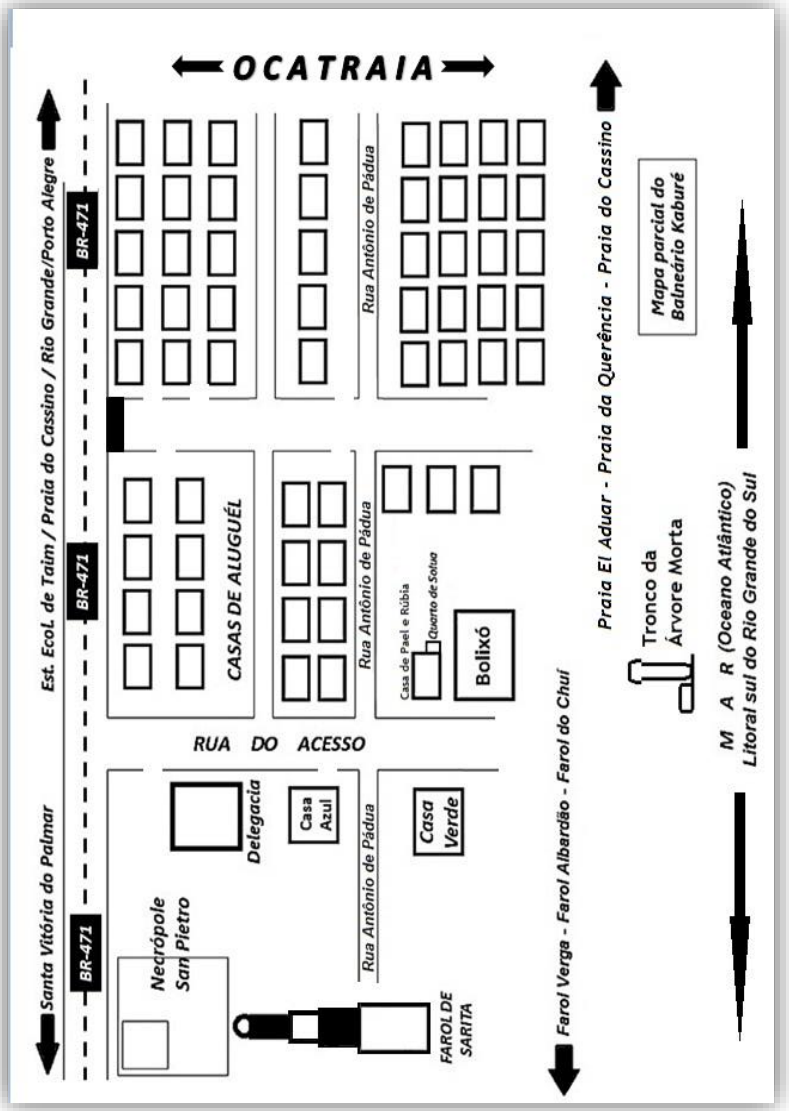



***Figura 1 – Mapa rodoviário do litoral sul do Rio Grande do Sul, onde localiza-se o fictício Balneário Kaburé.***

***As estrelas indicam as cidades que de forma alternada se desenvolve a trama.***

***Figura 2 – Maquete gráfica - Ambiente central do Balneário Kaburé.***



*Que a inspiração viesse, não dependia de mim. A única coisa que eu poderia fazer era garantir que ela me encontrasse trabalhando!*

*Pablo Picasso*

*Cada vida afeta a outra e a outra, afeta a próxima.*

*Micht Albom*

# 1

## *Balneário Kaburé, 08/10/2011*

***Sábado - 02h 35min.***

O pouco habitado Balneário Kaburé, localizado ao redor do Farol Sarita, litoral sul do Rio Grande do Sul, é frequentado invariavelmente por aleatórios veranistas.

Solua, em constante hábito de *vigília*, espreita o comportamento inquieto do mar na escura e morna madrugada, aparentemente igual a tantas outras em meio à primavera.

Acomodado no banco de pedra, ao lado do tronco da árvore morta, pita um rústico cachimbo tribal usando fumo de corda.

De repente, ouve um estampido de revólver. De imediato vira-se e sussurra:

− É arma di fogo, é sim! É lá na Casa Verde.

Indeciso, bate o cachimbo no caule do tronco e o coloca em sua minúscula mochila de lona a tira colo, sem tirar os olhos da claridade no interior da casa.

Finalmente decide agir!

Apesar de seus sessenta e tantos anos, percorre aproximados cem metros até acercar-se do chalé. Empurra o pequeno portão e sobe cauteloso o degrau da varanda. Bate levemente na porta.

− Senhorinha Keti!

Não houve resposta. Bate com mais força e continua a chama-la. Mantido o silêncio, precipitou-se a olhar pela janela que apesar de gradeada, mantinha-se aberta com a vidraça fechada.

Pela transparência da cortina de renda branca, vislumbra o vulto da moça caído ao chão, envolto a uma poça de sangue.

Atordoado, procura arremessar seu corpo esguio contra a porta, que apenas ecoa diante das investidas. Constata inoperância após muitas tentativas. Resoluto, procura ajuda, enveredando-se para o vizinho e não muito distante Bolixó.

Ao atingir a entrada principal, sente-se ofegante, além do pavor ainda perdurar. Contorna o prédio do armazém e adentra o pátio da residência de Rúbia e Pael, abrindo com dificuldade o cadeado com uma das chaves que traz pendurada no pescoço por um barbante.

Principia então, com fortes batidas na porta e um fervoroso alarido, clamor pelo casal que há anos, caridosamente o alimenta e lhe dá pouso, em uma peça contígua com entrada independente ao lado da casa.

Alguns segundos depois, Pael destranca a porta apreensivo.

− O que houve Solua?

− Tiro na Casa Verde! Senhorinha Keti tá caída no chão. Sangui! Num consegui abri a porta. Juda eu Pael!!!

Rúbia, escutando a ocorrência ao sair do quarto, veste o roupão, tranca a porta e corre atrás.

Raphael Candelari, conhecido como Pael, 41 anos, pugilista dissidente, vasta cabeleira e barba rala, tornou-se o primeiro comerciante da praia de Kaburé ao abrir o Bolixó, um modesto armazém beira mar em frente a sua residência, abastecendo sumariamente as necessidades emergenciais da reduzida população e eventuais forasteiros.

Após algumas investidas, consegue arrombar a entrada, cristalizando-se de imediato ao deparar-se com a cena na soleira da porta.

Ketlyn Caburatty, 24 anos, renomada Artista Plástica, está inegavelmente morta. Deitada no meio da sala, de escassa mobília, apresenta no lado esquerdo do crânio, manchas de um vermelho escuro em contraste com os longos cabelos loiros, além de uma contínua vertente de sangue circundando seu corpo por inteiro. Consumou-se naquela escura e morna madrugada, uma perturbadora e impactante cena de pavor.

Rúbia, a esposa de Pael, bela morena de 35 anos, visivelmente abalada, recusa-se a entrar.

Embora mística de todos os santos, de todas as crenças que envolvam magias, o sobrenatural, demonstra desafeto às mortes trágicas.

Ajeitando os longos e cacheados cabelos negros, senta no chão da varanda, recostando-se na parede de madeira da casa que já apresenta mostras de decomposição pela ação da maresia.

O suicídio em seu entendimento, de maneira alguma causa estranheza.

Seus pensamentos de momento, apenas comprovam que a artista possuía um semblante misterioso, além de uma aparência degradante. Raríssimas vezes frequentou o Bolixó, e quando comparecia, limitava-se a compras de estoque: pacotes de cigarros e bebidas destiladas. A única vez que tentou fazer-lhe uma visita cortês foi recepcionada por uma fresta. Indisposição e dor de cabeça, nada convincentes, foram alegadas. Eventualmente, refugiava-se na beira do mar em longas e metódicas contemplações. Esporádicas foram as vezes que caminhava em direção ao

tronco da árvore morta, e mantinha um monólogo com Solua. Rúbia notava à distância que somente Ketlyn falava e gesticulava, enquanto o ancião oscilava a cabeça concordando.

Jamais a artista recebeu visitas, pois nada viu e nada soube.

Subitamente, seus pensamentos são interrompidos quando ouve a voz do marido. Ele desce o degrau da varanda e observa a silhueta do mar, orientado pelo facho de luz do farol.

− Nada podemos fazer! Só nos resta chamar a polícia. A senhorita Ketlyn cometeu suicídio.

# 2

## *Porto Alegre... 10/10/2011*

***Segunda-feira - 07h 14min. – 2 dias depois.***

− Curiosidade apenas! Porque tens o apelido de Cambão?

− Dio Sacramento, Doutor! É de longa data, bem antes de vir morar aqui em Porto Alegre. Houve uma época que minha profissão era desatolar o que atolava. A todo o momento me imploravam para trazer de volta o que estava quase sumindo. O cambão e a Chesma, minha velha caminhonete, eram os instrumentos de trabalho.

− Mas o que é um cambão?

− Geralmente, é uma barra de ferro comprida com engates em cada extremidade. É fixada entre dois veículos para que um deles reboque o outro.

Samuel Antony, Doutor em Administração de Empresas, 46 anos, solteiro, claro, alto e magro, bem-apessoado, é Diretor Presidente da S.A. Ltda., uma das mais bem-conceituadas empresas no ramo de Gestão Empresarial da América Latina.

Enquanto ouve atentamente o velho e ponderado taxista, Samuel olha descontraído pelas janelas do carro, que em velocidade moderada, desbrava o trânsito caótico.

− Havia na época Doutor, um único acesso ao vilarejo na cidade em que eu morava, se é que podemos chamar aquele trilho de acesso. Lá pelas tantas, batiam em minha porta gritando: Precisamos do cambão! – Entoa com eloquência.

Samuel diverte-se em demoradas risadas, ao conhecer mais uma história do Cambão de outrora.

Após o trajeto moroso e o enfrentamento de inúmeras sinaleiras, o taxi estaciona em frente à Lanchonete Bocadillo. Enquanto retira o dinheiro da carteira, Samuel indaga!

− Como é mesmo o teu nome?

− Bruninalho Bortollaci!

Samuel franze a testa, extasiado.

− Até mais tarde, Cambão! Que Deus o proteja.

− Até Doutor! À noite, *bora para o devoluto*?

− Não tenho certeza. Mais tarde te confirmo.

Bocadillo é uma espaçosa e bem equipada lanchonete, propriedade de Camacho, um roliço uruguaio com bigode português. Funcionando há mais de um ano, ocupa as quatro lojas situadas no térreo do majestoso edifício de oito andares, propriedade da S.A.

Ao entrar, o Empresário percebe que Calisto está absorto à leitura do jornal, sorvendo o costumeiro cafezinho.

− Bom dia Cal!

− Bom dia Samuel. − Responde sem tirar os olhos do jornal.

Calisto Augusto Doriann, alto, atlético, moreno claro, trabalha na S.A. Ltda., há nove anos, desde os dezesseis, quando iniciou como office-boy.

Percebendo aos poucos a eficiência de seu funcionário, Samuel oportunizou a Cal a chance de qualificar-se, financiando diversos cursos de expansão curricular no ramo de finanças, inclusive custeando a Universidade de

Ciências Contábeis. Há três anos, Cal ocupa o cargo de Diretor Financeiro.

Samuel abre a pasta e de lá retira uma revista. Após efetuar o pedido à garçonete, manuseia as primeiras páginas, enquanto fala:

− O Taxi como de costume, demorou. A única perfeição que existe no mundo é a fé em Deus.

− Em minha análise chefe, não há nada perfeito no mundo. – Enaltece Cal, mantendo a leitura.

O Empresário oscila negativamente a cabeça.

− Se de um lado não me estresso com o trânsito, me estresso aguardando o Cambão.

− Aguardando o quê?

− Cambão, o taxista que contratei para me transportar diariamente.

− Cambão! Isto é nome?

− É apelido, mas o nome é pior. Bru.... Bruni... sei lá!

Cal sorri, mantendo os olhos na leitura.

Samuel detém-se na imagem de um carro de luxo e entoa:

− Sabe meu amigo! Estou muito a fim de fazer uma coisa, mas não estou com vontade!

Cal solta rapidamente a xícara e leva a mão à boca, em um prenúncio de engasgar-se.

− Bah Samuel! Do que está falando?

− Estou procurando nesta revista especializada um carro para comprar.

− Estás a fim de comprar um carro e ao mesmo tempo não está! É isso?

− Acho mais cômodo utilizar os serviços do taxi, mas há os seus inconvenientes. Às vezes não tenho paciência e nem tempo para esperar, além é claro, de comprometer minha privacidade.

Cal ergue os olhos surpreso.

− Da casa para o trabalho e do trabalho para a casa! É esta a privacidade que te refere, ou está incluída a missa também?

− Culto Calisto, frequento culto!

− Tanto faz, pra mim é tudo a mesma coisa. Continue!

Samuel recebe o pedido.

− Em compensação, ouço e assisto pelos noticiários que o trânsito está cada vez mais violento. Diariamente há tragédias envolvendo carros, motos e caminhões. Motoristas embriagados, imprudentes, transformam seus veículos em verdadeiras armas de destruição.

− E continuará acontecendo chefe, − intervém Cal após o gole final − enquanto as autoridades simplesmente investirem em infrutíferas campanhas. É como tirar as folhas de uma erva daninha. Em pouco tempo, voltarão a crescer porque sua raiz ainda permanece intacta.

− Não entendi onde queres chegar!

− Simples! As montadoras de automóveis deveriam ser proibidas de fabricarem veículos que alcançassem velocidades exorbitantes.

− Concordo, mas essa situação me parece insolúvel.

− Nada muda se não mudarmos! Se eu fosse o Presidente, sancionaria uma lei que proibiria a fabricação de automóveis que ultrapassassem sessenta quilômetros! Além disso, vetava a importação que não se enquadrasse neste quesito. É preciso atacar o mal pela raiz.

− Isso é totalmente inviável Calisto! Tu serias o primeiro Presidente do planeta a usar constantemente uma armadura blindada.

− Tens razão, mas de nada adiantaria uma armadura! Sempre haverá alguma dosagem de *veneno* capaz de frustrar qualquer boa iniciativa. Já basta esta que uso diariamente.

Samuel nota que apenas folheia a revista atentando às imagens, enquanto o Diretor Financeiro permanece lendo a mesma página do jornal.

Calisto olha o relógio de parede a sua frente, pede mais um café e continua.

− Boa parte dos motoristas fantasia um autódromo à sua frente. Outros porque tem pressa, além dos descuidados, bêbados, drogados e desatentos. Verdadeiros perfis de predadores. Mas se a velocidade atingisse no máximo sessenta quilômetros horários, enxergariam simplesmente uma estrada, de nada adiantaria ter pressa e diante de algum descuido ou alucinação, evitariam uma tragédia.

O silêncio perdurou por alguns segundos.

− Veja Cal, tenciono comprar este aqui!

Calisto investiga atentamente a escolha e surpreende-se.

− Velocidade de duzentos e vinte quilômetros?

− Preciso aproveitar antes que sejas eleito.

Risos ruidosos se ouvem no interior da lanchonete, inclusive com a participação de Camacho, debruçado atrás do balcão.

− Estou brincando! − Argumenta Samuel – Há momentos que sinto falta de um veículo, ter um pouco mais de autonomia, porém, não tenho o mínimo interesse em adquirir um carro e envolver-me com impostos, pedágios, mecânicos e principalmente, o trânsito.

− Que tal um Galaxie Landau 69, hein chefe? O motorista seria o Cambão paramentado de Pastor!

− Meus fundamentos religiosos estão muito além das heresias profanadas por ateístas. – Declama Samuel tragicômico.

− Sossega chefe, sou ateu não praticante.

− Conseguiste encontrar aquela diferença no balanço do mês passado? – Questiona Samuel, alterando o fluxo teólogo da rivalidade.

− Mais tarde conversamos sobre isso! – Cal responde de forma evasiva.

− Posso saber o que há de tão relevante nesta página de jornal?

− Não assististe o noticiário neste final de semana? O misterioso suicídio da linda Ketlyn Caburatty.

− Quem é essa?

− Como, quem é essa? – Cal surpreende-se, olhando o Empresário que acaba de concluir o café.

− A Ketlyn, artista plástica que foi nossa cliente meses atrás.

− A Cacau suicidou-se?

− Cacau? Olha só a intimidade do chefe!

− No meio artístico ela é conhecida por Cacau. O que a motivou cometer suicídio?

− A polícia ainda não sabe!

− Santo Deus! Beleza, talento e sucesso desperdiçados. – Ponderou Samuel. − Dona Ester soube que ela estava envolvida com drogas. Já faz algum tempo que não a vejo.

− O Delegado que está cuidando do caso, – relatou Cal – levantou a hipótese de assassinato.

− Assassinato? Porque esta absurda suspeita?

− Por que absurda? Beleza, talento e sucesso! Porque razão cometeria suicídio?

− E por que razão seria assassinada? − Rebate o Empresário.

Cal conclui o café e responde:

− Se o Delegado por uma ou várias razões trabalha com as duas hipóteses, não vejo porque consideras absurda!

− Ok Calisto! Tenho aversão a crimes, só isso. Vamos trabalhar?

Samuel ergue-se e posiciona-se junto ao balcão.

− Qual é o nosso débito Camacho?

Cal levanta-se e ajeita os cabelos lisos um pouco acima dos ombros, perfeitamente escanhoado, que em contraste com o terno claro asseguram-lhe uma aparência jovial, sem comprometer a sobriedade. Fecha o jornal e o deixa sobre o balcão, falando em tom jocoso:

− O chefe vai pagar minha despesa? Estou surpreso! Hoje irão escorrer do núcleo das nuvens, abundantes bênçãos sobre nós!

− Estás de muito bom humor, meu amigo. – Comenta Samuel.

− Apenas ansiedade chefe! Necessito de uma audiência com o Diretor Presidente da S.A. Ltda., a sós, e com as portas lacradas!

Despedem-se e caminham em direção aos elevadores. O Empresário questiona:

− O que aconteceu? Estamos prestes a firmar concordata ou vais me propor sociedade?

− Êxodo patrão! Êxodo!

− O livro da Bíblia que narra à saída dos hebreus do Egito. Mas é necessário lacrar as portas para falarmos de êxodo?

− Não iremos prosear sobre a Bíblia! Trata-se do meu êxodo. Apenas julguei similar o teor do assunto que vamos tratar, com a tese que defendestes quinta-feira no refeitório. Reparei que as bases do Dr. Thâmer foram abaladas. Parabéns Professor! Sorte tua não me teres como aluno.

Enquanto aguardam o elevador, Calisto indaga:

− Qual tua opinião chefe, sobre a venda da Catedral de Cristal a uma Diocese Católica?

− Ainda não está consumado, mas a princípio não há outra alternativa, se até concordata já anunciou.

Samuel ajeita o nó da gravata e acrescenta.

− Imagine Cal, uma das maiores Igrejas Evangélicas do mundo, no perímetro da Califórnia, estar atravessando uma crise econômica por apropriação indevida de dízimos.

− Pelo que li, a Igreja Católica ofereceu quase cinquenta e oito milhões de dólares.

− É uma quantia apreciável. − Ressaltou Samuel − No entanto, é um ultraje para a Catedral de Cristal e toda vertente evangélica.

Um dos três elevadores atinge o andar térreo.

Calisto ao entrar, informa à ascensorista que também irá ao quinto andar. Durante o trajeto, mantiveram-se em silêncio.

Samuel, ex-professor Universitário de Teologia com mestrado em Ciências da Religião, torna-se pensativo, limitando-se a raciocinar sobre a essência do êxodo que Calisto havia se referido.

Já no andar da presidência, o Empresário ainda cismado, abre a sala. Entram e antes de fechar a porta, olha a secretária que evidenciava uma expressão de quem aguardava o costumeiro cumprimento.

− Bom dia, Dona Ester! Perdão por não ter lhe cumprimentado. Algum recado?

− Bom dia Doutor Samuel. Não, nenhum recado. Apenas alguns documentos necessitam de sua assinatura.

− Ok. Tratamos deste assunto mais tarde. Estarei em reunião na próxima meia hora.

Fechou a porta e dirigiu-se à sua escrivaninha.

Cal já estava acomodado em uma das confortáveis poltronas que compõe o luxuoso mobiliário, e apenas aguarda que Samuel se instale em seu majestoso trono presidencial.

− Posso me servir de um whisky, chefe?

− Não costumo ter bebidas alcoólicas em meu escritório.

− É verdade! Evangélicos não bebem. Mas ateus bebem!

Samuel apenas sorri.

− Um *preto quente* então! – Sugere Cal.

− Outro? Recém tomaste dois cafés!

− Três! Quando chegastes, estava no segundo.

O empresário, um tanto contrariado, liga o interfone.

− Dona Ester! Dois cafés, por favor.

− Outro? – Graceja Cal.

Por alguns instantes, apenas a audição de ruídos externos interfere no silêncio. Samuel não se conteve.

− O que posso esperar de um *herege* pautar uma reunião em caráter emergencial, referenciando uma passagem bíblica?

− Só falo após beber, nem que seja um gole de café. Desparecem os nervos!

− Temos mais o que fazer Cal. O que aconteceu que abalou teus nervos?

− Não são exatamente os nervos. Ansiedade!

− Ansiedade ou angústia? Observei que a saída de Quiara da S.A. te deixou frustrado. Este é o êxodo a que te refere?

− Confesso que frustrou, mas nada como um dia após a noite. *Ter saudade até que é bom, é melhor que caminhar vazio*, como diz o poeta.

Soa o interfone. A secretária trazendo o café. Após distribuí-los, parou diante da mesa do empresário e comunicou.

− Dr. Samuel, confirmei há pouco. A reunião com o Banco Synwal só será possível na quarta-feira, pela manhã.

− Está certo Dona Ester. Lembre-me com antecedência, por favor.

Calisto aguarda a Secretária sair.

− Vejo a Dona Ester todo dia e nunca havia reparado. Simpática e atraente, hein Patrão? Se soltar o cabelo e tirar o óculos...

− Por favor, Cal, vamos ao que interessa!

− Dona Ester interessa chefe! – Arregala os olhos.

Após um gole de café, Cal dá início.

− Tenho um comunicado. Não tem relação com a S.A., mas tem tudo a ver com a S.A. Ltda.

− Redundância de termos! Isso é pleonasmo.

− É mesmo Professor? Eu deveria ter dito a mesma coisa há pouco, lá no Camacho.

Silêncio por alguns segundos.

Após concluir o café, Cal ergue-se, deposita a xícara na mesinha de centro e pôs-se a caminhar.

− O café de Dona Ester é bem melhor!

− Calisto, por favor! Tenho que trabalhar. Aliás, temos que trabalhar!

Ok chefe, ok! – Pronuncia em tom teatral, aproveitando para limpar a voz.

− Alcancei um excelente sucesso intelectual e profissional trabalhando ao teu lado. Reconheço que a maior parcela deste sucesso é atribuída a tua visão empresarial, que acreditando no meu potencial, oportunizou meios para que eu galgasse este crescimento, e lógico, em contrapartida, aos meus esforços, dedicação, persistência exagerada e excesso de paciência.

Cal para diante da janela maior, e olha a cidade movimentar-se desordenadamente. Volta-se e intensifica ainda mais o vocal.

− Até onde Samuel, ou melhor, até quando o meu destino, o reconhecimento que serei eternamente grato, estarão vinculados a ti e à tua empresa?

− Não estou entendendo Cal.

− Só um momento Samuel.

Calisto vai em direção a porta, abre-a, e com dois ou três passos, está diante da secretária.

− Dona Ester! O jornal de hoje, por favor.

− Aqui está Doutor Calisto.

− Obrigado.

Antes de retornar, questiona:

− Tencionas ir a alguma festa, Dona Ester?

− Não senhor, porque pergunta?

− Se eventualmente receberes um convite, já estás pronta!

Olhares e sorrisos marotos ocupam o pequeno espaço.

Cal não é o que podemos chamar de um lindo homem. Não aprecia ternos, gravata, mas os usa com muito bom gosto. Além disso, possui um olhar extremamente sedutor, ostentando charme e simpatia por onde passa.

Ao fechar a porta, percebe a impaciência de Samuel.

− Podemos continuar senhor Calisto? Sou um empresário muito ocupado.

− Perfeitamente patrão! – Responde, folheando o jornal sobre a mesa do chefe, até encontrar a página do noticiário sobre o suicídio de Ketlyn.

− Observe atentamente o que está delineado no rodapé desta página.

Samuel inteira-se da notícia e demonstra surpresa:

− A Cacau morreu neste Balneário? Imaginei que havia sido em Búzios, onde morava. O que estava fazendo ali?

− Segundo a reportagem, morando há três meses nesta praia, pagando aluguel. Mas não é o noticiário da Ketlyn que quero que veja.

Cal aponta para um anúncio de vendas de terrenos e casas no Balneário Kaburé.

Samuel recosta-se por completo na cadeira, cruza os braços e pergunta:

− O que temos a ver com um anúncio de venda de terrenos em um balneário primitivo?

− Conheces Kaburé?

− Pesquei quando era jovem nas proximidades, na época que nada, era tudo o que havia.

− Bom! Se eu não eu tivesse interesse em ler a reportagem da Ketlyn, com certeza não me deteria neste anúncio.

Cal se afasta e volta a caminhar.

Samuel passa a mão pelos loiros e grisalhos cabelos, evidenciando nitidamente estar no limite de sua paciência.

− O que mais me aflige chefe desde quarta-feira, quando um acontecimento inusitado me forçou a tomar uma resolução, está explícito em um anúncio atirado em um canto qualquer de uma página de jornal.

− Desembucha de uma vez! – Suplica Samuel.

Cal retorna e aponta a última linha do texto do anúncio.

− Vou comprar uma casa neste Balneário!

Samuel antes de falar alguma coisa, abre os braços.

− Toda esta ladainha para me dizer que farás um investimento? Ótimo! Mas porque em um balneário totalmente desprovido de infraestrutura?

− Como sabes, se tuas pescarias foram há muitos anos atrás?

− Suposição, apenas. Nunca ouço falar em Kaburé! Já me ofereceram a compra de terrenos na época do loteamento, e pelo que vi nos prospectos, não é o tipo de ambiente que me atrai. Foi interessante na juventude.

− Pois bem! Além de comprar uma casa, vou morar neste Balneário.

Samuel ergue-se demonstrando perplexidade.

− Morar? Como assim, morar? Sabes a localização desta praia?

− A menos de quinhentos quilômetros de Porto Alegre, ao lado do Farol Sarita.

Samuel esboça indignação ao elucidar a questão.

− Êxodo! Estás com intenção de sair da S.A.?

Cal confirma, oscilando positivamente a cabeça.

− Santo Deus por quê? O que aconteceu? Diga-me o que o forçou a tomar esta decisão e certamente poderemos resolver! Não tens um bom salário?

− Samuel, te acalme! – Espalma as duas mãos diante do corpo. − Tenho razões mais do que suficientes para

estar agindo desta forma. Asseguro-te que nada tem a ver com o meu salário ou algo relacionado com a S.A.

Cal voltou a sentar, e prossegue.

− Quarta-feira passada aconteceu algo que jamais imaginei que um dia aconteceria. Sonhava, sem qualquer convicção.

Samuel resignava-se a escutar.

− Ganhei na loteria e resolvi me aposentar!

Samuel esconde o rosto com a palma das mãos, mantendo-as enquanto pergunta.

− Ganhaste quanto Calisto?

− O suficiente para um ex-contador, conhecedor de economia e finanças, nunca mais precisar trabalhar. Quase cinquenta milhões!

Samuel caminha vagarosamente pela sala, cabisbaixo, pensativo, procurando forças para reagir.

Repentinamente, vira-se ao ocorrer-lhe um devaneio de momento.

− Podemos transformar a S.A. Ltda. em uma Sociedade Anônima, lógico! S.A. S/A! – Discursa o Empresário com entusiasmo.

− Eu tinha certeza que irias me fazer esta proposta! A S.A. Ltda.! Sempre a S.A. em primeiro lugar. – A eloquência expressada por Cal, aproxima-se do exagero.

Respira fundo, e abranda o tom.

− Teu patrimônio econômico é suficiente para comprares várias S.A. Não tem fundamento teres um sócio. Além do mais meu amigo, minha vida não está aqui. Agora que não mais dependo do salário que me pagas, a S.A. perdeu o encanto e até mesmo a suposta razão. Também sou solteiro, mas, no entanto, meu modo ideal de vida é completamente antagônico ao teu. Quero aproveitar esta su-

blime liberdade que o acaso me deu, da maneira que sempre sonhei: Morar em um lugar praticamente deserto, diante do mar.

Samuel expressa o soberbo idealismo.

− E o investimento que fiz senhor Calisto? É desta forma que retribui anos de protecionismo?

− De maneira alguma estou virando o cocho, Samuel. O empréstimo que por conveniência empregaste em meu conhecimento, se te satisfaz, devolvo centavo por centavo, com juros e correção monetária. Porém não esqueça! De nada teria adiantando o teu dinheiro se eu não tivesse aproveitado.

− Perdoe-me! Confesso que exagerei. Jamais imaginei que algum dia fosse passar por uma situação semelhante. Tens o dom para as finanças, sabes disso.

− Engano teu! Sinto-me um frustrado e melancólico Contador! Anos a fio, ajustei, analisei, questionei e até duvidei dos créditos e débitos. O balancete aqui dentro – bate no peito − resulta sempre negativo. E se queres uma estimativa amplificada, o balanço dos meus vinte e cinco anos só foi benéfico na infância, quando me embalava no quintal de casa.

Gradualmente, um clima tenso se espalha pelo ar. Cal ajeita-se na poltrona e continua.

− Nunca ousei te falar a respeito por consideração, mas não imaginas a falência que sinto em relação à vida e que passa diretamente pelas ciências contábeis. É uma oscilação permanente. Às vezes ganhar e em contrapartida, quase sempre perder. O bem em constante batalha contra o mal, e o dinheiro sempre enfiado no meio, como uma incansável bola de tênis.

Ergue-se mais uma vez e caminha a passos lentos.

− Quantas horas desperdiçadas do meu dia, da minha semana, da minha vida, atrás de diferenças que não passavam de míseros centavos. Após nove anos, minha conta bancária me encoraja a fazer tantas coisas que até então, nem fantasias eram. Encorajou-me finalmente a desafogar, senhor Samuel Anthony.

O empresário permanece mudo e imóvel diante de uma das janelas, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça. Cal retoma o discurso.

− Quero me tornar uma espécie de gênio! Não o gênio enclausurado dentro de uma lâmpada, a realizar três desejos a quem por mero interesse materialista, me procurar. Penso em concretizar os sonhos de pessoas que realmente mereçam.

Samuel, sem virar-se, franze a testa como se estivesse ouvindo outra pessoa qualquer. Cal continua:

− Tens a tua riqueza, porém uma riqueza sem vida, que insistes em mantê-la confiscada, imobilizada no interior desses oito andares. Aglomeras dinheiro, como se cada cédula pertencesse a um eterno álbum de figurinhas. Somos solteiros, cada um com sua fortuna. Há quem precise de nós lá fora, não para gerenciar seus negócios, mas para suprir suas carências de talento e recursos, prever suas necessidades e realizar seus sonhos.

Subitamente Samuel vira-se, não demonstrando concordância.

− Desde quando um ateu convicto encena atos de bom samaritano? Desde quando praticas a benevolência?

− Sou ateu, mas não um demônio, este ser alegórico que vive te atormentando quando o teu deus resolve dormir. Só porque não acredito em Jeová, não significa que não tenho a índole do que chamas *bom samaritano*. Como

posso crer em um deus, que desde o princípio de sua criação, mantém-se alheio às atrocidades que ocorrem com a humanidade? A maioria desta gente é miserável, e o dinheiro e poder, invariavelmente, acabam nas mãos de uma torturante minoria. O Planeta Terra está vagarosamente morrendo, meu amigo, mas a humanidade, faminta, desprovida de qualquer perspectiva, irá morrer antes dele.

Por vários segundos, somente ecos de motores e buzinas eram ouvidos no quinto andar. Samuel apanha o jornal e questiona energicamente:

− Com quase cinquenta milhões, vais te alienar neste fim de mundo, penar toda a sorte de consequências em uma terra inóspita e selvagem? Tu conheces o Farol Sarita?

− Pelo pouco que li hoje pela manhã, é um Balneário que surgiu há seis anos, uma infraestrutura progressista, poucos habitantes e uma praia pacata. É exatamente o que procuro, até mesmo com um saco de quase cinquenta milhões pendurados na mochila.

A sala da presidência é semelhante a um jogo de xadrez, como se dois reis fossem as únicas peças a moverem-se no imaginário tabuleiro.

− Neste mundão de Deus, − salienta Samuel − gigantesco, beirando ao infinito, contendo inúmeras praias maravilhosas, já estruturadas, porque resolves te enfiar neste fim de mundo?

− Porque o Balneário Kaburé, talvez mereça um *Gênio de Rua!*

Samuel ergue os braços e olha para o teto.

− Acredito piamente, *Gênio de Rua*, − declama em tom irônico − que não irás fincar raízes nesta praia selvagem, que de tão primitiva, até o arco-íris é preto e branco.

Lastimo apenas por perder um funcionário que talvez não encontre outro igual.

− É evidente que encontrarás! Se eu morresse hoje, a S.A. seria velada ao meu lado?

− Apesar de tudo, parabéns por tua independência! – Deseja Samuel.

− Obrigado chefe.

Calisto dirige-se à porta de saída, formulando um pedido:

− Entre em contato com o Décio para acertar com calma minha rescisão. Vou permanecer até o final de outubro, e procurar orientar o Afonso. Acredito ser ele a pessoa mais indicada a me substituir, por conhecer a rotina contábil da S.A., tão bem quanto eu. Avise-me se não for esta tua intenção. Estou indo para minha sala. Confio em ti e conto com tua discrição em não revelar a ninguém minha condição de ser o mais novo milionário gaúcho.

− E o que devo dizer sobre tua demissão?

− Digamos que fui assediado por uma proposta irrecusável de alguma empresa estrangeira. Não precisa entrar em detalhes.

O Empresário oscila a cabeça confirmando.

− Fique tranquilo, Samuel! Providenciarei que o arco íris em Kaburé tenha o colorido mais expressivo dos sete mares. – Conclui de forma cômica.

Abre a porta, mas volta a fechá-la.

− Ia me esquecendo. Li em meu horóscopo hoje pela manhã, que alguém se encanta pelo meu estilo e está louca para chegar mais perto. Suspeito que há pouco falei com ela no outro lado desta sala. Até mais!

Com a porta fechada, Samuel resmunga:

− O Capeta só pode estar rondando! Ateu fica milionário! Ateu crê em horóscopo! ...Kaburé!

O Empresário rabisca com fúria a foto de Ketlyn estampada no jornal, e preocupados pensamentos destoam sua atenção.

*"Planos perfeitos jogados nas profundezas do mar. Maldição! "*

Ao fechar a porta, Cal aproxima-se da secretária.

− Dona Ester, que tal jantarmos essa noite no Sain't Lions?

− Não posso Dr. Calisto. Tenho aula.

− E quais as chances de não ires a esta aula?

− Impossível. Meu noivo virá me apanhar no final do expediente. Temos prova.

− É claro! Noivo! Prestei atenção em tuas lindas e artesanais unhas roídas e não percebi a aliança. Admiro em uma mulher a delicadeza das unhas roídas, exatamente como as tuas, ainda mais quando estão pintadas.

Ester olha perplexa para suas mãos e expõem um sorriso.

− Meu noivo e eu gostaríamos muito de aceitar o convite. Combino com ele e poderemos ir no sábado. O que o senhor me diz?

− Esqueça! Até mais Dona Ester.

Dá meia volta e a passos lentos segue em direção aos elevadores. Subitamente estanca e gira.

− Dona Ester!

O olhar da moça já o acompanhava.

− Sugiro que jamais confie em horóscopo!

# 3

## *Balneário Kaburé, 10/10/2011*

***Segunda-feira - 08h 45min.***

− Com licença Doutor Comissário!

Sem tirar os olhos do computador, Oto responde:

− Quantas vezes já pedi Sargento, que me chame apenas de Delegado!

− Perdão, Doutor Delegado! Está aí fora a pessoa para ser entrevistada sobre o suicídio.

Oto olha contrariado para o informante.

− Para depor Sargento, depor! Faça-o entrar, por favor.

− Sim Doutor.

− Santo Expedito, dê-me paciência! – Sussurra o Delegado.

Oto Sinegal, 42 anos, branco, um pouco além do peso, cabelos curtos desgrenhados e de baixa estatura, foi transferido para a Delegacia de Polícia do Balneário Kaburé há poucos dias. Tem em mãos, a difícil missão de convencer a si próprio, que a morte de Ketlyn Caburatty não passa de um simples ato tresloucado de autocídio.

Na madrugada da ocorrência, durante as investigações iniciais, o Delegado Oto observou atentamente os detalhes que envolviam aquele ambiente, enquanto o perito colhia prováveis vestígios materiais.

A primeira observação que Oto, apenas restringiu-se a pensar, foi o comentário feito pelo Sargento Osanha, um avoado oficial militar de rosto faceiro, menor de trinta anos, que uma ilustre moradora ocupava há mais de três

meses a Casa Verde, a histórica primeira moradia do Balneário. Tratava-se de uma das mais renomadas Artistas Plástica do país, de repercussão internacional.

O Delegado Oto, circundou um pouco mais pelos quartos, banheiro e cozinha, e comentou com o perito, enquanto abastecia o fornilho do cachimbo.

− Fatos obscuros desafiam a inteligência humana! Como é mesmo o teu nome?

− Jairo! – Responde o perito.

Oto acende o cachimbo.

− Não consigo entender Jairo, por que uma celebridade do mundo artístico, em uma época fora de veraneio, alojou-se em um rústico chalé na beira de uma praia medieval, e ainda por cima, ser assassinada!

− Assassinada? Não foi suicídio? – Indaga atônito o perito.

Oto estanca com uma expressão incrédula.

− Vou enunciar dois questionamentos básicos senhor Jairo! Raciocine a partir do que vê. De que lado do crânio entrou a bala?

− Es... Esquerdo!

− E em quais das mãos a arma está próxima?

− Direita! ...Direita?

− Percebo que és um guri no mundo da perícia. Minha experiência me diz que na coronha deste revólver, não há impressões digitais. O assassino é mais boca aberta que um meliante amador.

Reacende o cachimbo e prossegue.

− Eliminou provas, mas deixou rastros de raciocínio. Saiu tão afoito e apavorado pela porta dos fundos, que ficou escancarada. Talvez não estejamos diante de um crime premeditado e sim, de ocasião. Talvez! Dizem que a ocasião faz o ladrão, e porque não, o assassino também!

Reacende o cachimbo e demonstra ufania:

− Posso imaginar a inveja de Holmes por não estar à frente deste caso.

− Quem é este? – Pergunta o Perito,

− Elementar meu caro Jairo! Sherlock Holmes!

Jairo emite uma ruidosa gargalhada.

Oto reacende o cachimbo e conclui:

− Termine teu trabalho. Colha as provas necessárias para que eu possa instaurar o inquérito policial. Encaminhe ao laboratório e vamos aguardar os resultados dos exames. Prevejo que o *latrocídio* em Kaburé, em breve, estará nos estúdios de Hollywood.

Jairo se diverte com as fantasias do Delegado.

− Vou dispensar por ora as testemunhas – proferiu Oto − e falar com o pessoal do IML, se por um acaso, só por um acaso, não estiverem dormindo.

O Delegado chega próximo à porta de saída e esbraveja.

− Que fuleiro este cachimbo! Sempre apagado.

# 4

***Porto Alegre, 10/10/2011***
***Segunda-feira - 08h 52min.***

Cal entra na sala da Contabilidade e com entusiasmo, expande um bom dia aos quatro subordinados. Ao se aproximar da mesa de Afonso, chefe do setor, sinaliza para que o acompanhe.

− Feche a porta e sente-se Afonso, precisamos ter uma conversa.

− Antes te informo que ainda não encontramos a diferença.

− Momentaneamente, isto fica em segundo plano. Temos um assunto de muito maior importância a tratar. O essencial agora é que tomes conhecimento que em menos de um mês não serei mais funcionário da S.A. Aliás, depende de ti para que minha liberdade seja antecipada.

− Não entendi! O que aconteceu chefia?

− Recebi uma proposta irrecusável para trabalhar no exterior.

Afonso, um jovem de 24 anos, moreno claro, magro, risonho, de média estatura, escora-se na cadeira.

− Quem fez esta proposta? Para onde vais?

Cal afasta papéis à sua frente.

− Isso não importa agora. Há outros fatores para te preocupar neste momento. Tu irás para a tua mesa e fará uma relação de todas as tuas indecisões sobre o nosso setor. Todas!

Afonso demonstra entendimento, mas não compreensão.

− Analise as atribuições de cada um dos teus subordinados, vasculhe arquivos, se inteire de toda a rotina interna e externa, e relacione o que ainda não saibas ou existam dúvidas em uma folha de papel e me entregue. Amanhã começaremos a ter um contato mais direto sobre este relatório que farás.

Cal ergue-se e escancara a janela, permanecendo em pé. Acende um cigarro e expõe:

− Samuel confia no meu trabalho e por merecimento, quero que ele adquira a mesma confiança em ti. Se depender de mim, tu serás o meu substituto. Não fale sobre o que conversamos a ninguém. Agora vai!

Afonso sai do gabinete e por alguns segundos, torna-se pensativo enquanto serve um café.

Neste instante, Décio, chefe dos Recursos Humanos, em constante *curto circuito*, baixo, magro, calvo, aparentando meio século, invade literalmente a Contabilidade empunhando papéis. Mal cumprimenta os presentes.

Abre a porta do gabinete e sem qualquer prerrogativa, interpela Cal.

− Que história é essa de sair da S.A.?

− Entre aí Décio! Feche a porta e sente-se. Já te disse que tu te apavoras por qualquer coisa?

Conversam por alguns minutos e, verdades entreveradas a dissertações fantasiosas, foram se espraiando pelo ar até sumirem pelas janelas.

Efetivamente, a notícia que o Diretor Financeiro da S.A. Ltda. aceitou proposta de trabalho no exterior, naquele momento, havia sido divulgada ao maior alcoviteiro da empresa. A notificação individual não será mais necessária.

− Mudando o saco pra mala Calisto, encontrei a ficha da Quiara. Antes de leva-la junto com outras para o

arquivo morto, trouxe para teres quem sabe, uma nova e eventual pista do misterioso desaparecimento dela.

Cal deteve-se por alguns instantes na foto de uma paixão que fora interrompida, mas não extirpada, permanecendo em silêncio.

− É neste endereço que fostes? – Apontou Décio.

− É esse mesmo! – Amargou Cal.

− Lamento! É estranho este sumiço. Não responde e-mails, não atende o celular, não movimenta o Facebook desde abril, mês que repentinamente pediu demissão, com evasivas explicações. O endereço da irmã, tu não sabes ou esqueceu?

− Desconheço. Sei apenas se tratar de uma cidade no sul de Minas Gerais. Alegou que iria passar uns tempos com sua irmã gêmea que contraíra uma doença e ajudá-la a se recuperar. Mas já fazem... – conta nos dedos − maio, junho, julho, ago... Seis meses! Ficar todo este tempo incomunicável é realmente estranho.

Cal continua examinando a ficha, e repentinamente estanca o olhar.

− Não é este o e-mail que estou usando!

− Deixe ver! − Espia Décio − Este é o da empresa. A Dona Ester cria para todos os funcionários.

− Como eu não pensei nisto antes. – Alegra-se Cal. − O funcionário se desliga, mas o e-mail permanece, caso não seja excluído pelo usuário. Aliás, considero uma falha. Porém meu amigo, as falhas estão sujeitas a sofrerem movimentos de retroação não é mesmo?

− E por que achas que ela não excluiu? − Questiona Décio.

− Não acho e nem tenho certeza. Conto com a probabilidade, expectativa de poder encontrá-la e no mínimo saber notícias.

Cal anota o e-mail.

*quiara.cob@saltda.com.br*

− À noite enviarei uma mensagem! Quem sabe re-encontro a *Princesa Qui*. Prepara-te Décio! Tu e a Tina serão os padrinhos.

# 5

***Balneário Kaburé, 10/10/2011***
***Segunda-feira - 09h 05min.***

− Cum vossa licença, Delegado!

− Bom dia senhor Solua. Sente-se, fique à vontade.

− O Sargento Osanha dizeu que o sinhô qué prosear cum eu?

*Rúbia adora contar aos forasteiros, que no final de 2004, quando ela e o marido recém haviam comprado a casa em Kaburé, Solua aportou moribundo no interior de um pequeno barco à deriva. Era noite de tempestade, e um resquício de visibilidade só era possível, graças à orientação do Farol Sarita.*

*Ao espiarem a fúria da natureza por trás da vidraça, avistaram lentos movimentos do que parecia ser à distância, uma pessoa contorcendo-se dentro da canoa à beira mar. O resgatamos, cuidamos dele, e com a benção dos céus, renasce o preto velho de cachimbo na boca, a contar histórias que o vento volta e meia repassa aos sete mares.*

Solua, presume-se, é um ancião com mais de sessenta anos. Negro, magro, cabelos e barba brancos, de passo comedido, fala mansa e dicção caipirês. Não sabe de onde veio, não recorda seu nome e nem imagina sua idade.

Costuma dizer que se sente desgarrado de uma terra sem fim e de começo incerto. Recorda vagamente o passado, e o seu futuro, ao mar pertence. Quanto ao presente, é restrito e previsível, resumindo-se à pesca do minúsculo

papa-terra, usando também um minúsculo caniço, e à caça do corrupto. Também tece e conserta pacientemente as redes dos marujos, como denomina os pescadores.

− Causo de quê tô sendo *intimidado* a vir aqui Delegado?

− Intimado, senhor Solua. – Corrige Oto. − Simples! O senhor foi a primeira pessoa que viu o corpo da senhorita Ketlyn após o suposto suicídio. Preciso ouvir seu depoimento e lhe pedir que responda algumas perguntas de praxe.

− O que é esse tal de *suposto* que o sinhô dizeu aí?

− Algo que talvez tenha ou não acontecido.

− O senhor tá querendo dizê que a sinhorinha Keti não si matô a si própia?

Oto contém o riso.

− É o que estou investigando senhor Solua. ...posso dispensar o uso do senhor?

− Se o sinhô qué me dispensá, num tem pobrema. Já tô indo embora – Levanta-se e vagarosamente se dirigi à porta de saída.

− Não Solua, não entendeste! Perguntei se posso chama-lo só de Solua, ao invés de senhor Solua.

− Há bão! Entonce eu vorto! Pode sim, num tem pobrema não. Sinhô a gente diz pro papai do céu! – faz uma reverência com o chapéu. Volta a sentar.

− Se o sinhô tá disconfiado que a moça foi sassinada, o sinhô enton tá me acusando de ter tirado a vida da sinhorinha Keti?

− Não, não, Solua! − Oto surpreende-se. − Não estás aqui para ser acusado. Há indícios em torno do corpo da moça que precisam ser esclarecidos. Preciso elucidar estas questões.

Oto ergue-se e vai até um armário no canto da sala. Abre uma das gavetas e retira de lá um revólver. Solua ergue-se com os olhos arregalados.

− Não fiques assustado. Está descarregado. − Abre o tambor e permite que seja inspecionado.

Voltam a sentar e Oto prossegue.

− Suponhamos que esta seja a arma que matou a senhorita Ketlyn. Faça de conta que irás cometer suicídio.

Colocou a arma sobre a mesa.

− Pegue Solua! Não tenha medo. Mostre-me como farias para te suicidar com um tiro cabeça!

Claudicante, o ancião apanha a arma e vagarosamente aproxima o revólver, evidenciando tremor durante a demonstração.

− Por acaso és canhoto, Solua?

− Num sei Delegado!

− Como assim? Com quais das mãos tu escreves?

− Num sei iscrevê! Lê tumbém não sei!

− Com que mão conserta as redes então?

− Cum as duas! Uma sigura a guia e a otra sigura a redi!

Oto impacienta-se.

− Com qual das mãos tu seguras a agulha?

O velho marujo levanta o braço direito.

− Eis o primeiro grande mistério!

Oto ergue-se novamente e começa a caminhar pela sala.

− Solua, preste atenção! A arma foi encontrada próxima à mão direita da moça, a mesma mão que tu seguras a agulha, certo?

Ele consente com a cabeça.

− Usaste a mão direita, no faz de conta do suicídio. Constatei em minhas pesquisas que ela também era destra.

− Éira o quê?

Oto fecha os olhos e balança a cabeça.

− Destra, a pessoa que usa a mão direita!

Solua fez uma expressão muda que havia entendido. Oto então questiona:

− Como explicar que a bala penetrou o crânio de Ketlyn pelo lado esquerdo?

Solua arregala os olhos e dá de ombros.

− Apanhe a arma novamente. Simule outra vez o suicídio, mas desta vez, com a mão direita tentando atingir o outro lado da cabeça.

Solua de posse da arma, trespassa seu braço pela frente do corpo e tenta atingir a cabeça do lado oposto. Consegue, apesar de estar diante de uma posição um tanto desajeitada.

− Incômodo, dificultoso, não é mesmo?

Ele apenas confirma, sem nada falar.

− A tua encenação me convenceu ainda mais. Estou aguardando o laudo dos exames periciais para só então abrir ou não o inquérito.

− Por causo de quê num pudia usá a otra mão?

− Boa pergunta! Porém, não tenho uma boa resposta. Acredito, no entanto, que em um momento de tamanho desespero, a pessoa não irá alterar sua habitual habilidade.

− Num intindi nada! – Resmunga o ancião.

Oto sorrindo, oscila a cabeça enquanto prepara um punhado de fumo para abastecer o cachimbo.

Solua observa e comenta.

− Fumo cachimbo tumbém, desde novinho.

− É mesmo? Que fumo tu usas?

− Fumo di corda. O Pael que dá prá eu.

− Não conheço. − Oto acende e solta às primeiras baforadas.

− Se quiser, pode acender o seu! Fique à vontade! − Consente o Delegado.

− Num sinhô, brigado! Só fumo quando num tem nadica de nada pra fazê. Se num, fica sempe, sempe apagando!

− Entendo. – Oto fica sem jeito.

− Me diga uma coisa! O que estavas fazendo por volta de três horas da manhã na beira da praia, na madrugada que a senhorita Ketlyn morreu?

− Quando iscuitei o tiro, num sei que hora era num sinhô! Só sei quando é dia e quando é noite. Qualqué hora é hora. Cochilo muito poquinho. A Missy dizeu que recebo a visita da s*ônia!*

Ambos riem. Solua continua.

− Quando o sinhô me percurá e num incontrá eu no tronco da árvre morta, me percura no Bolixó ou lá no meu quartinho. Devo tá tirando uma pestana.

Oto somente ouve, saboreando longas baforadas. Solua articula o anoso chapéu entre as mãos.

− Desdi muleque mi banho no mar, dentro e fora dele. Aprendi a fazê castelo formoso di areia e quando cabava, o mar jogava uma onda bem grandi e dismanchava tudo. E num diantava brigá. O pai dizia qui o mar quiria otro mais bunito. Dispois que cresci, fiquei véio, até os castelo di sonho ele dismanchô.

Solua baixa a cabeça com os olhos marejados e continua.

− Tenho sudade de trabaiá lá nu fundão do mar. Sinto farta de entrá oceano a dentro, jogá a redi e ficá bisoiando o brotá dos pexe nos buraco da maia. Mas sei Delegado, que num tenho mais idadi pra isso.

Solua demostra sua angústia na fala e no olhar.

− Enton fico sentado do lado do tronco, proseando cum as onda, cum quem ali chegá. Tem veis que eu choro inguarzinho o canto da sereia, tal a farta que me faiz a lida de marujo. Acho que ele sente farta deu tumbém.

Ergue-se, procurando esconder as lágrimas.

− Se o seu sono se perdê por aí noiti dessa, dá uma espiadela no tronco da árvre morta. Quem sabi agenti proseia oiando as istrela e ovindo o baruio do mar.

Oto alça-se da cadeira e encaminha-se para a porta de saída.

− Sabe que tu tens razão, Solua! Não apagou nenhuma vez.

# 6

## *Porto Alegre 10/10/2011*

***Segunda-feira - 19h 24min.***

Calisto reside sozinho em um pequeno apartamento próximo ao trabalho. Caminhando quinze minutos, um pouco mais, é o tempo que leva para ir ou vir. Por instinto traumático, não possui carro.

Se o clima está propício no percurso da volta, vai despindo o que pode. Desveste o paletó, afrouxa e retira a gravata e de imediato, abre os três primeiros botões da camisa, culminando com algumas dobras em cada uma das mangas.

O ritual tem continuidade ao entrar no apartamento. Arremessa a indumentária sobre o sofá, liga o aparelho de som e pressiona o play do CD. Serve uma dose de whisky, acende um cigarro e destranca as portas envidraçadas que dão acesso à estreita sacada, ali permanecendo por algum tempo, ouvindo melodias de Cortazar.

Seus olhos percorrem o corriqueiro cenário do condomínio em busca de algo inusitado, nem que seja uma metáfora em meio ao marasmo que dia após dia se repete.

*"Se eu ficasse um ano sem frequentar essa sacada, quem sabe a paisagem sofreria alguma metamorfose."*

E por falar em relevantes mudanças, recorda que quarta-feira passada, pela primeira vez, tomou café em uma agência bancária. Encaminhado a uma sala anexa como se fossem os bastidores do poder econômico, recebeu orientações capitalistas de como melhor aplicar a pequena fortuna que havia ganho.